

Riqueza e escravidão em uma localidade da Zona da Mata Mineira - Santa Rita do Turvo 1850/59

Fernando A. Alves da Costa¹

Resumo

Neste texto analisamos, em uma primeira etapa, os níveis de concentração e o padrão de composição da riqueza na localidade de Santa Rita do Turvo, Zona da Mata Mineira, na primeira década da segunda metade do século XIX. Em um segundo momento estudamos algumas características internas do principal grupo de ativos dos patrimônios dos indivíduos da localidade, os escravos. Dessa forma objetivamos qualificar a escravidão que vigorou na região, buscando identificar o tipo de economia e sociedade nela vigente. Ao longo das duas partes do trabalho segmentamos os inventariados por faixas de riqueza. Utilizamos como fonte documental principal um conjunto de inventários *post-mortem* dos habitantes da localidade abertos entre 1850/59, o que por si só traz nuances para a análise proposta, uma vez que somente tivemos acesso ao patrimônio dos indivíduos da localidade que faleceram no intervalo selecionado e que tiveram seus bens inventariados, e não a população como um todo.

Palavras-chave

Minas Gerais – riqueza - concentração – século XIX - escravidão

Abstract

In this paper we analyze, in a first step, the concentration levels and the standard composition of wealth in the Santa Rita's Murky, Mining Zona da Mata, in the first decade of the second half of the nineteenth century. In a second step we study some internal characteristics of the main group of assets of assets of individuals the city, slaves. Thus we aim to qualify slavery that prevailed in the region, seeking to identify the type of economy and society prevailing in it. Throughout the two parts of the work segmented the inventory by wealth groups. Used as the main documentary source a set of postmortem inventories of the inhabitants of the town opened between 1850/59, which alone brings nuances to the proposed analysis, since only had access to the heritage of the locality of individuals who died in the interval selected and had their inventory property, and not the population as a whole.

Key-words

Minas Gerais - wealth - concentration - nineteenth century – slavery

¹ Doutorando no Programa de História Econômica da FFLCH/USP. Membro do *Hermes & Clio* – Grupo de Estudos e Pesquisa em História Econômica da FEA/USP. Bolsista Fapesp. E-mail: fernandoalves_costa@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

Santa Rita do Turvo estava inserida na Zona da Mata Mineira, região situada na porção leste de Minas Gerais, estabelecendo fronteira com o Rio de Janeiro (ao sul e sudeste) e com o Espírito Santo (a nordeste). Quando comparada com as áreas de mineração mais antigas, concentradas próximas ao centro da província, alvos da cobiça portuguesa desde o final do século XVII, a Zona da Mata foi ocupada e explorada mais efetivamente em período tardio.

Alguns motivos concorreram para este “atraso”. Em primeiro lugar, nela habitava grande contingente de povos indígenas, entre eles os temidos botocudos, muitos dos quais hostis à presença de estranhos. A densa floresta, típica da região, foi outro fator que serviu como empecilho para sua exploração, constituindo-se como uma verdadeira barreira natural de difícil transposição. Somente uma motivação bastante premente justificaria a incursão por tão tortuosos caminhos. Como não foram encontradas riquezas minerais em suas redondezas, tal necessidade não se configurou em um primeiro momento. Por fim, outro aspecto que dificultou e tornou mais tardia a ocupação da Zona da Mata Mineira foi à proibição, por parte da Coroa, do estabelecimento de unidades produtivas e de núcleos de povoamento, temerosa dos descaminhos que o ouro poderia tomar em seus inóspitos caminhos. Na visão da Coroa a região seria a rota perfeita para a fuga do ouro, tão desconhecida e perigosa que era (Rezende, 2007, p. 39-70).

Inserida nesta área de difícil e tardia ocupação e exploração econômica se encontrava Santa Rita do Turvo, localidade objeto deste estudo. Não obstante todos os apontamentos acima, a localidade fez parte do trajeto de dois bandeirantes que exploraram a região à caça de índios e ouro. Sobre a primeira destas bandeiras, a de Antônio Rodrigues Arzão, existem controvérsias acerca de sua efetiva realização. No entanto, aceita-se que tenha sido o primeiro a desbravar aquelas paragens, ainda em 1693. Em 1780, época na qual a busca por novas regiões auríferas intensificava-se ainda mais em função do escasseamento da produtividade das zonas mais antigas, quando D. Rodrigo José de Menezes assumiu o governo da capitania de Minas Gerais, outra bandeira em busca de ouro passou pela região. Desta vez liderada pelo padre Manoel Luiz Branco. As esperanças de novos achados concentravam-se principalmente no rio Casca e em um de seus afluentes, o Sant’Anna. Tamanhos eram o desespero e a esperança de novos achados que, no ano seguinte, o próprio governador fez parte de

uma investida sobre a região que buscou reconstituir os passos do padre Manoel Luiz Branco (Paniago, 1990, p. 49-51). Entretanto, não existem evidências de que os achados na região tenham sido minimamente recompensadores.

Apesar destas iniciais incursões sobre a região em tela, sua efetiva ocupação somente se deu no início do século XIX. Embora já contasse com uma capela desde os primórdios dos Oitocentos, mais precisamente desde 1805, somente foi elevada a condição de freguesia quase três décadas mais tarde, no ano de 1832. Até que a freguesia fosse elevada a condição de vila, o que ocorreu somente no ano de 1871, e posteriormente a de cidade, no ano de 1876, Santa Rita do Turvo pertencia administrativamente à jurisdição da vila de Ubá (Barbosa, 1995, p.368).

Na primeira metade do século XIX, portanto, Santa Rita do Turvo era uma área de povoamento recente. Não obstante os esforços de algumas recentes pesquisas sobre algumas áreas vizinhas², pouco se sabe sobre a localidade em tela. Algumas informações sobre a primeira metade dos Oitocentos podem ser extraídas da Lista Nominativa de Habitantes de 1831³. Neste ano a localidade era habitada por uma população majoritariamente parda e crioula (62%), predominantemente agricultores de vida simples. Totalizava 1831 habitantes, 60% dos quais eram do sexo masculino, outro fator indicativo do caráter recente de sua ocupação no período. Os indivíduos escravizados representavam 30% da população total de Santa Rita do Turvo. Somente 40% dos domicílios contavam com mão de obra cativa. Entre os escravistas, os pequenos plantéis, entre 2 e 5 indivíduos, provavelmente mantidos via reprodução natural, eram os mais recorrentes⁴.

² Romilda Alves pesquisou Ubá entre 1808-1850 e verificou uma significativa produção de gêneros variados, com geração de excedentes (Alves, 2009). Irene Rezende analisou a base material e a participação política de alguns destacados indivíduos que viveram na Zona da Mata Norte e Central entre 1821-41 (Rezende, 2008). Aparecida Tavares estudou o perfil econômico dos produtores de café e açúcar de Visconde do Rio Branco entre 1870-89 (Tavares, 2013).

³ Organizadas e recentemente disponibilizadas pelo Cedeplar, as Listas Nominativas de Minas Gerais, também denominadas Maços de População, relativas aos anos de 1831/32 e 1839/42 estão disponíveis em www.poplin.cedeplar.ufmg.br. Oferecem arrolamentos nominativos, fogo por fogo, de todos os habitantes de uma localidade, descrevendo a idade, a qualidade (africano/preto, crioulo, branco etc.), o estado (casado, solteiro ou viúvo), a condição (escravo, livre etc.) e a ocupação dos indivíduos. Esta última informação, na maioria absoluta das ocasiões, refere-se somente ao chefe do domicílio. Este tipo de documentação foi fartamente utilizado pela historiografia para estudar Minas Gerais (Paiva, 1996) e, principalmente, São Paulo e Paraná, regiões para as quais existem maiores séries regulares que cobrem períodos mais extensos (Gutierrez, 1987; Luna, 1981; Libby, 1988; Marcondes, 1998; Motta, 1999). No caso de Minas Gerais, as listas são bastante lacunares, além de serem menos completas, omitindo algumas informações como, por exemplo, a estimativa da produção dos domicílios.

⁴ Lista Nominativa de Santa Rita do Turvo (1831). Disponível em www.poplin.cedeplar.ufmg.br. Na segunda metade do XIX a localidade em tela conheceu diversas reconfigurações territoriais e jurisdicionais. A localidade retratada na lista de 1831 viria se tornar a freguesia sede da Vila de mesmo

Ao longo deste texto abordaremos a localidade entre os anos 1850-59. Empreendemos esforços para recuperar a economia e a sociedade constituídas em Santa Rita do Turvo no alvorecer da segunda metade do século XIX, estudando a riqueza dos habitantes inventariados da localidade. Qual o padrão da riqueza que os indivíduos que morreram e foram inventariados na localidade conseguiram atingir? Do que era composto o patrimônio destes indivíduos? Quais as características que o escravismo assumiu na localidade? Quais os níveis de concentração de riqueza estabelecidos ou mesmo se havia concentração? Enfim, objetivamos ao final deste texto ao menos esboçar respostas para estas questões apontadas.

A escolha do período que selecionamos se explica pela disponibilidade das fontes que utilizamos. Para segunda metade do XIX existem séries mais expressivas de inventários *post-mortem*, inexistentes para o período anterior. Para a década 1850-59 localizamos no Arquivo do Fórum Artur Bernardes na cidade de Viçosa/MG um total de 60 processos⁵. Destes tivemos que descartar três em função do avançado estado de deterioração dos mesmos. Desta forma, a base documental que utilizamos para as quantificações ao longo deste texto se compõem de 57 inventários *post-mortem*⁶. Importante destacar que, não obstante a multiplicidade de informes fornecidos pelo tipo de fonte que utilizamos, alguns aspectos sobre suas limitações devem ser ressaltados. Dentre as principais destacamos que os indivíduos inventariados não podem ser tomados como uma amostragem da população de uma determinada localidade, visto que representam somente aqueles que faleceram e que foram inventariados, com todas as possíveis implicações daí decorrentes. Outra importante questão deriva do fato de que os inventários representam um momento estático da vida de uma pessoa, não acompanhando as vicissitudes de toda a sua trajetória e nem sendo a síntese da mesma.

Ao longo do estudo optamos por desagregar os patrimônios inventariados em seis grupos de ativos, nem sempre assim segmentados e apresentados na documentação, mas que julgamos bastante manejáveis do ponto de vista metodológico. Foram eles: móveis (móveis, utensílios domésticos, ferramentas, vestimentas etc.), animais (em muitos casos descritos como semoventes, categoria também aplicada aos escravos),

nome, criada somente em 1871. Os dados apresentados objetivam somente oferecer um mínimo painel do tipo de ocupação efetivado na região antes do período que retratamos neste texto.

⁵ Daqui em diante nos referiremos ao dito arquivo pela sigla AFAB.

⁶ Em nossa pesquisa de doutoramento as mesmas questões tratadas para a década de 1850-59 neste texto, bem como diversas outras, são analisadas para todas as demais da segunda metade do XIX com base em um total de 450 inventários.

escravos, imóveis (casas, terras, benfeitorias, plantações etc.), dinheiro (moedas de ouro ou prata, nacionais ou estrangeiras, e notas em espécie), e dívidas ativas (quando especificadas apareceram em suas formas mais tradicionais: créditos, empréstimos, aquisição de gêneros, contas de rol etc.). Naturalmente que esta segmentação corresponde à natureza específica da localidade com a qual estamos trabalhando. A análise da riqueza em outras localidades provavelmente demandaria uma decomposição do patrimônio diferente desta que adotamos, tal como para o caso de Juiz de Fora. Nesta, o café, tanto ainda plantado como já colhido e estocado, comprometia grande parte dos patrimônios inventariados, justificando sua separação em um grupo de ativo específico (Almico, 2001).

Outra importante questão metodológica diz respeito ao estabelecimento de faixas de riqueza. Com o intuito de aprofundarmos o estudo acerca da temática proposta em Santa Rita do Turvo na primeira década da segunda metade do XIX segmentamos os inventariados por faixas de patrimônio, de acordo com os valores de monte mor apresentados. Este procedimento permitiu-nos, além de um maior detalhamento da análise, considerações acerca da concentração da riqueza no período abordado.

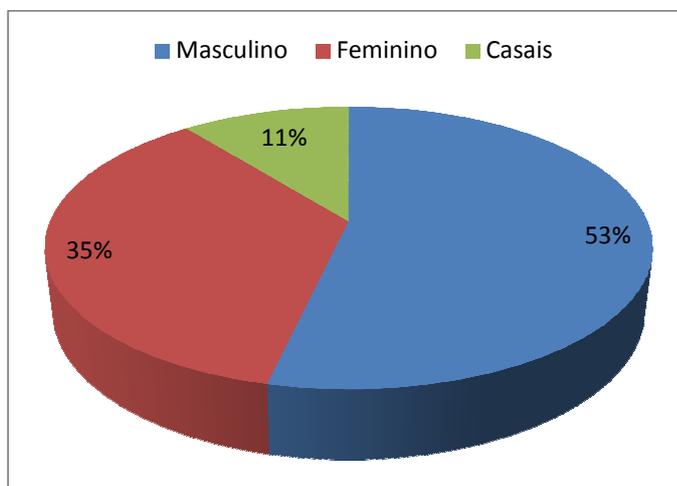
Conforme será notado, o texto está estruturado em duas partes. Em um primeiro momento oferecemos uma visualização geral acerca da composição e da concentração da riqueza na localidade em tela. Em um segundo momento aprofundamos a análise específica do principal grupo de ativo constituinte da riqueza dos inventariados de Santa Rita do Turvo na década em questão, os escravos. Entendemos que este procedimento permitirá uma qualificação do escravismo vigente na localidade.

O QUADRO GERAL DA RIQUEZA INVENTARIADA EM SANTA RITA DO TURVO (1850-59): COMPOSIÇÃO E CONCENTRAÇÃO

Se, por um lado, os patrimônios dos indivíduos são descritos em minúcias ao longo do processo de inventário *post-mortem*, pouco se diz a respeito dos próprios inventariados. Em alguns casos em que foram deixados testamentos pelos falecidos, anexados aos inventários, algumas importantes informações podem ser acrescidas, tais como local de nascimento, filiação e eventuais casamentos anteriores. Entretanto, como a presença de testamentos não foi muito comum entre a documentação que compulsamos, poucos são os indivíduos para os quais temos informações além das básicas relativas ao sexo e ao estado conjugal. Seja como for, nos gráficos 1 e 2,

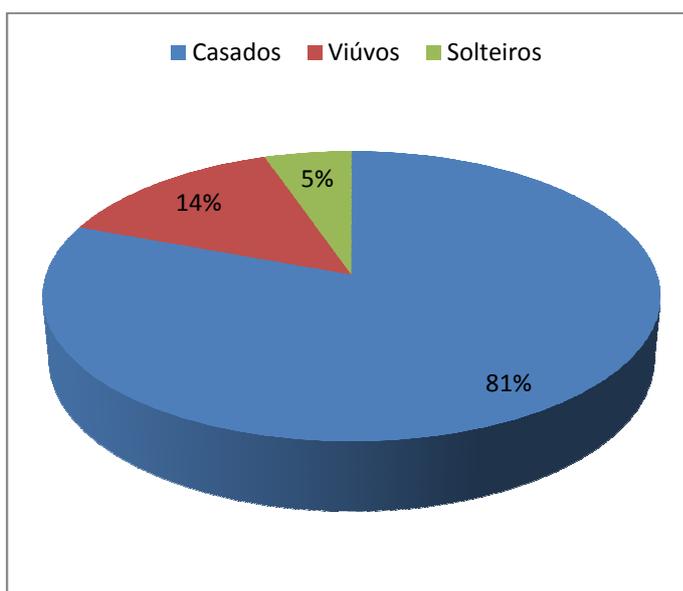
apresentamos estas duas informações demográficas sobre os inventariados de Santa Rita do Turvo na década em tela.

Gráfico 1: Perfil dos inventariados de Santa Rita do Turvo por sexo (1850/59)



Fonte: 57 inventários *post-mortem* para a década de 1850/59. AFAB.

Gráfico 2: Perfil dos inventariados de Santa Rita do Turvo por estado (1850/59)



Fonte: 57 inventários *post-mortem* para a década de 1850/59. AFAB.

Em relação ao gênero, com base nas informações do gráfico 1, verificamos que a maioria dos inventariados era do sexo masculino, 53%. As mulheres representaram 39%. Destacamos ainda que em 8% dos casos foram feitos inventários do casal conjuntamente. Normalmente isso ocorria quando o segundo cônjuge falecia pouco tempo depois do primeiro.

A observação do gráfico 2 atesta que a quase totalidade dos indivíduos inventariados em Santa Rita do Turvo na segunda metade do XIX eram casados quando faleceram ou haviam vivido, em algum momento de suas vidas, relações conjugais estáveis, sendo declarados viúvos em seus inventários. Somente 5% dos indivíduos foram descritos como solteiros. Sendo assim, o padrão de inventariado da localidade no tempo em questão era de homem casado/viúvo.

Na tabela 1 apresentamos a distribuição dos processos utilizados ao longo do período em análise neste texto. Exibimos os dados totais agregados e também distribuídos por faixas de riqueza, indicando a representatividade de cada uma delas no conjunto da riqueza total dos patrimônios inventariados⁷.

Tabela 1: Distribuição dos inventários por faixa de riqueza em libras (1850/1859)

Faixas de riqueza	nº inventários	% processos	Soma da riqueza	% riqueza	Valor médio por inventário
Até £ 150	11	19,3	875,04	1,9	79,55
£ 151 até £ 500	21	36,8	7.200,64	16,0	342,89
£ 501 até £ 1000	12	21,1	8.739,01	19,4	728,25
£ 1001 até £ 2000	7	12,3	9.237,20	20,5	1.319,60
Superior a £ 2001	6	10,5	18.924,76	42,1	3.154,13
Total	57	100,0	44.976,65	100,0	789,06

Fonte: 57 inventários *post-mortem* para a década de 1850/59. AFAB.

A observação da tabela 1 permite algumas afirmações de caráter geral acerca da distribuição da riqueza inventariada em Santa Rita do Turvo. Os dados para a década de 1850/59 apresentam algumas tendências bastante notáveis e relevantes. A proporção dos mais pobres é modesta em face da riqueza total inventariada. Sua representatividade no total de inventariados atingiu quase 1/5 dos processos, ao passo que sua participação relativa na riqueza total da década é pouco menor que 2%.

Por outro lado, a faixa de maior riqueza, com fortunas superiores a £ 2.001 tem uma participação relativa no total dos patrimônios de pouco mais de 42% de toda a riqueza inventariada, ainda que estejam inseridos neste segmento somente praticamente

⁷ No decorrer deste texto fizemos a conversão da moeda nacional para Libra Esterlina utilizando como referenciais as taxas de câmbio apresentadas pelo IBGE na publicação *Estatísticas Históricas do Brasil*. Calculamos a taxa de câmbio implícita média para a década contemplada em nosso estudo. Utilizamos então estes índices para fazermos a conversão da moeda nacional (Réis) para a Libra Esterlina. BRASIL. IBGE. *Estatísticas históricas do Brasil: séries econômicas, demográficas e sociais de 1550 a 1988*. (2. ed.). Rio de Janeiro: IBGE, 1990, p.368-369.

10% dos processos. Em outras palavras, significa dizer que 1 a cada 10 inventariados do período fazia parte do segmento que controlava mais de 42% da riqueza inventariada na década de 1850/59 na localidade de Santa Rita do Turvo.

Neste período o grupo mais representativo em relação ao número de inventários foi a segunda faixa de riqueza, com 36,8% dos processos e com participação relativa de 16% do montante total dos patrimônios. Se somadas, as duas menores faixas concentravam mais de 56% dos processos e cerca de 18% da riqueza. A concentração no período é considerável e fica expressa pelo índice de Gini com valor correspondente a 0,547.

Até este momento, a análise da riqueza na localidade e no período contemplado evidencia que os inventariados eram basicamente homens casados ou viúvos e que havia uma considerável concentração dos patrimônios na localidade. Mais da metade dos inventariados, a soma das duas menores faixas de riqueza, contribuíam com uma parcela de apenas 18% do montante total inventariado. Por outro lado, os dois grupos de maior riqueza, aproximadamente 22% dos inventariados, teve uma participação relativa na riqueza total da ordem de pouco mais de 62%.

Identificados estes aspectos de natureza ampla e geral acerca do padrão de distribuição e da concentração da riqueza na localidade e no período em tela, avancemos no aprofundamento do estudo da temática proposta em Santa Rita do Turvo no início da segunda metade do XIX. No prosseguimento da análise direcionamos o foco sobre a composição dos patrimônios dos inventariados da localidade. Manteremos a segmentação por faixas de riqueza, sem omitir os dados gerais. Na tabela 2 estão apresentados os dados da composição da riqueza de Santa Rita do Turvo para o período 1850/59, por faixas de riqueza e para todo o conjunto dos indivíduos considerados.

Os dados da composição relativa da riqueza inventariada na localidade em questão durante o período 1850/59 conferem uma visualização geral do cenário econômico de Santa Rita do Turvo na época em questão. O grupo de ativos escravos é o mais representativo no quadro geral, incluídos todos os inventariados. Dito de outra maneira, a principal e/ou a melhor opção de alocação de riqueza para os indivíduos que viveram na localidade era o investimento em cativos. A inversão de recursos em escravos, mão de obra fundamental mesmo para uma localidade desta natureza, mostrou-se a principal estratégia, ou aquela possível, de alocação de recursos. Dessa forma, mesmo em uma região carente de grande dinamismo econômico, sem

especialização produtiva em torno de algum gênero que a vinculasse a circuitos mercantis, distante dos centros administrativos, populacionais e produtivos, o vigor da escravidão brasileira fica indubitavelmente expresso pela observação da composição da riqueza inventariada na localidade. Os inventariados com patrimônios circunscritos na terceira faixa de riqueza, entre £ 501 até £ 1.000, foram os que tiveram maior comprometimento relativo em escravos, praticamente 70% de seus recursos, enquanto que, considerados todos os segmentos, nada menos que 6/10 dos patrimônios declarados nos inventários estavam alocados em escravos. Contudo, uma importante ressalva se faz pertinente. Cabe destacar que a década de 1850 é apontada como de alta dos preços dos escravos em função da Abolição do Tráfico Internacional em 1850. Entendemos que este fator contribua para explicar a alta representatividade relativa da riqueza alocada em escravos na década de 1850/59 sem, contudo, explicar por completo os índices evidenciados neste texto.

Tabela 2: Composição da riqueza inventariada por grupos de ativos por faixas de riqueza entre 1850/1859 (%)

Faixas de riqueza	Móveis	Animais	Escravos	Imóveis	Dívida Ativa	Dinheiro	Total
Até £ 150	6,1	21,0	23,0	48,4	1,5	-	100
£ 151 até £ 500	2,5	3,3	56,6	32,9	4,7	-	100
£ 501 até £ 1000	1,6	2,3	70,6	20,2	4,9	0,4	100
£ 1001 até £ 2000	3,4	5,7	53,9	23,9	13,1	-	100
Superior a £ 2001	4,1	6,0	62,1	19,4	6,7	1,7	100
Total	3,4	5,2	60,5	23,6	7,2	0,1	100

Fonte: 57 inventários *post-mortem* para o período 1850/59. AFAB.

Os informes expostos na tabela 2 permitem ainda uma visualização por faixas de fortuna. Se para o conjunto total da riqueza para a década 1850/59 o grupo de ativo escravos é o mais representativo, isto não ocorre na menor faixa de patrimônio. Nesta, verificamos uma maior participação relativa dos imóveis, que, por sua vez, é o segundo grupo de ativo mais representativo nas demais faixas de riqueza. Disto podemos afirmar que a participação relativa dos escravos na composição da riqueza dos segmentos mais abastados é maior que no patrimônio dos menos aquinhoados. Isto talvez possa ser explicado pela dificuldade dos menos ricos para ter acesso à mão de obra cativa e pelo peso que as habitações e as terras necessárias para o plantio dos gêneros de primeira necessidade, tiveram na composição do patrimônio dos inventariados mais pobres,

ainda que tanto casas como terras fossem de valores modestos. Foi justamente a menor faixa de riqueza que teve maior comprometimento relativo de seus patrimônios em imóveis, 48,4%.

Não obstante esta importante diferenciação, é possível notar que a composição dos patrimônios de todas as faixas de riqueza era bastante concentrada em escravos e imóveis. A soma destes dois grupos de ativos, em todos os segmentos, esteve acima ou bastante próxima dos 80% de participação no total da riqueza, exceção feita a menor faixa de riqueza com 71%. Considerado todo o conjunto de inventariados, a soma de escravos e imóveis representava cerca de 84% de todo o patrimônio declarado.

Diante desta alta concentração em escravos e imóveis, os demais grupos de ativos assumiram participações relativas na composição da riqueza bem mais modestas. O terceiro grupo em representatividade no total do patrimônio dos inventariados foram às dívidas ativas. Interessante notar que a participação relativa deste grupo de ativos na composição da riqueza é mais relevante nas duas faixas de maior patrimônio. Entre os menos abastados significa somente 1,5% da riqueza, ao passo que o índice correlato para o quarto segmento com maiores cabedais chega a 13,1%. Contudo, observando novamente a composição dos patrimônios por estratos de riqueza, as dívidas ativas somente não ocupam o terceiro lugar em importância na composição dos bens na primeira faixa. Neste segmento, os valores invertidos no grupo de ativo animais significa 21% da riqueza inventariada. Esta observação parece-nos coerente na medida em que os menos abastados deveriam ter menos possibilidades de fornecimento de crédito e de venda de gêneros, as duas principais formas que compunham o grupo de ativo dívidas ativas.

No conjunto geral dos inventariados, a participação relativa dos animais na riqueza inventariada ocupa a quarta posição, com 5,2% do total dos patrimônios inventariados na década de 1850/59. Esse dado possibilita vislumbrar a inexistência de grandes rebanhos de qualquer tipo de animal na localidade. Em geral, ao que parece, a criação de animais buscava suprir somente as demandas de locomoção (tanto de pessoas como de gêneros dentro das unidades produtivas) e de alimentação inerentes às unidades domésticas e produtivas, não alcançando expressão mercantil. Conforme dito, a menor faixa de riqueza foi a que teve maior participação relativa dos animais dentro da composição de seus patrimônios, com 21%. Nas outras faixas, a maior representatividade foi observada no segmento de maiores cabedais, com 5,1%.

O mesmo ocorre com os bens móveis. Quando observado o quadro geral para todos os inventariados, este grupo de ativo fica a frente somente do grupo dinheiro em participação relativa na riqueza inventariada, correspondendo ao índice de 3,4%. Entretanto, esta participação no segmento com até £ 150 quase que dobra, atingindo 6,1%. Em patrimônios de valor mais reduzido, entendemos ser esperado que itens com menor valor absoluto, como era o caso dos móveis, acabem por comprometer uma participação relativa no total da riqueza superior em relação aos patrimônios mais consideráveis.

Somente 0,1% da riqueza total inventariada estava comprometida em dinheiro. Mesmo quando observamos este grupo de ativo por faixa de riqueza, notamos que nunca ultrapassou 1,7% de participação relativa, índice observado na maior faixa de patrimônio.

Em suma, desta abordagem global da composição da riqueza entre os inventariados de Santa Rita do Turvo no início da segunda metade dos Oitocentos, destacamos o padrão geral de alta concentração da riqueza em escravos e imóveis, com os cativos comprometendo a maior parcela da riqueza, seguido pelo grupo de ativos imóveis. Esse padrão somente não pode ser observado no caso dos inventariados da menor faixa de riqueza. Quando considerada isoladamente, a primeira faixa apresenta índices mais distantes do padrão destacado. Entendemos que este aspecto se explique pela maior dificuldade de acesso à mão de obra cativa e do grande peso relativo que as precárias habitações e as diminutas posses tinham no patrimônio destes indivíduos.

Com base no aludido padrão de composição da riqueza inventariada para Santa Rita do Turvo entre 1850/59, entendemos ser possível esquadrihar o tipo de economia e sociedade vigente na localidade no tempo em questão. Em uma sociedade com evidente concentração de riqueza, o grande peso da mão de obra cativa e dos imóveis (que incluíam as terras e os equipamentos para as lides no meio rural) aponta para uma predominância das atividades agrícolas na região, com uso expressivo da mão de obra cativa. A pouca expressividade dos animais indica que estes não eram criados em grandes rebanhos com vistas à mercantilização, mas para o suprimento das necessidades internas das casas e das fazendas.

Embora a participação das dívidas ativas na composição geral da riqueza inventariada não tenha sido das mais elevadas, cerca de 7% quando considerados todos os inventariados, entendemos que indica certo “movimento” mercantil na região, com

indivíduos comprando e vendendo gêneros e outros, ou muito provavelmente os mesmos, exercendo atividades creditícias em âmbito local.

A pouca expressividade dos bens móveis atesta a rusticidade das habitações, bem como a inexistência de grandes estoques de gêneros agrícolas que sugerissem uma produção expressiva o suficiente para indicar uma conexão com outras regiões distantes, com vistas ao suprimento de víveres.

Em suma, existiam muitos escravos, as terras e os equipamentos para produção agrícolas eram valorizados e o mercado da localidade ultrapassava a inércia completa. Contudo, se estes fenômenos não chegavam a ser capazes de sugerir um elevado dinamismo econômico da localidade em tela, também não eram indicativos de um cenário inexpressivo. Parece-nos que a localidade ficava assim voltada para o suprimento das demandas do mercado local, com uma situação distante de um marasmo econômico. A análise da composição da riqueza inventariada em Santa Rita do Turvo entre 1850/59 evidenciou uma concentração social da mesma. Paralelamente, houve também uma alta concentração em relação à composição dos patrimônios inventariados. Constatamos a preponderância em escravos e imóveis e baixa representatividade dos demais grupos de ativos. A constatação acima não quer dizer que o quadro tenha sido de uma completa estagnação. A substancial importância relativa da mão de obra cativa e dos imóveis, e uma considerável parcela comprometida em dívidas ativas, sugerem uma produtividade considerável e um mercado em funcionamento, ainda que em escopo regional.

O PADRÃO DA ESCRAVIDÃO EM SANTA RITA DO TURVO (1850-59): ESTRUTURA DA POSSE, EQUILÍBRIO DE GÊNERO E PREÇOS

Avancemos agora sobre a composição interna do principal dentre os grupos de ativos constituintes da riqueza dos inventariados da localidade de Santa Rita do Turvo no alvorecer da segunda metade do século XIX. A alocação de recursos em escravos foi a principal estratégia de manutenção e ampliação de patrimônio efetivada pelos inventariados da localidade dentro do cenário econômico em que viviam. Em função desta constatação a segunda parte deste texto busca analisar com maiores minúcias a composição interna deste grupo de ativos. Como vem sendo levado a cabo até então, manteremos os parâmetros da análise obedecendo à segmentação por faixas de riqueza,

oferecendo ao mesmo tempo os dados globais para o conjunto da população inventariada de Santa Rita do Turvo na década em estudo.

Exploramos três aspectos que julgamos suficientes para qualificar o tipo de escravidão vigente na localidade, sempre tendo em vista o escravo tomado enquanto ativo constituinte da riqueza dos inventariados da localidade. Analisamos o padrão de posse cativa, o equilíbrio de gênero da população escrava, e os preços dos cativos avaliados nos inventários em Santa Rita do Turvo entre 1850/59. Importante lembrar que na década em estudo a parcela da riqueza inventariada comprometida em cativos foi de aproximadamente 60%. A posse cativa foi bastante disseminada entre a população enfocada. De todos os indivíduos inventariados 81% foram escravistas, tendo pelo menos um cativo entre seus bens declarados. Ao todo foram arrolados 311 cativos nos processos da década analisada. Estes conformam nossa base de dados para a incursão sobre o grupo de ativo escravos.

A tabela 3 expõe os dados da distribuição da posse cativa entre os inventariados em Santa Rita do Turvo na década de 1850/59. Apresenta os dados tanto para os escravistas quanto para os escravos. Abordemos primeiramente os senhores. A observação de seus dados permite verificar o padrão de escravista vigente na localidade no período em questão.

Tabela 3: Distribuição da posse cativa pelos escravistas e pelos escravos segundo FTP* (1850/59)

FTP	Escravistas		Escravos	
	nº	%	nº	%
1	2	4,3	2	0,6
2 a 5	25	54,3	85	27,3
6 a 10	10	21,7	77	24,8
11 a 20	6	13,0	77	24,8
Superior a 20	3	6,5	70	22,5
Total	46	100	311	100

FTP: Faixas de tamanho de posse

Fonte: 57 inventários post-mortem para o período 1850/59. AFAB.

A faixa de posse mais comum foi o plantel de 2 a 5 cativos. Pouco mais de 54% dos escravistas da localidade possuíam escravarias com este perfil. Isto permite afirmar que em Santa Rita do Turvo entre 1850/59 predominaram os pequenos plantéis de

escravos, com pequena participação das posses unitárias. A presença de grandes senhores, aqueles com mais de 20 cativos, também foi reduzida.

Passemos a considerar os dados sobre os escravizados. Considerados os cativos inventariados em Santa Rita do Turvo na década de 1850/59 pode-se afirmar que menos de 1% destes teve a experiência de viver como o único escravo de seu proprietário. Excetuando-se esta faixa de posse, a distribuição da escravaria apresentou uma representatividade relativamente desconcentrada, sempre perto de 1/4. A distribuição dos escravos pelas faixas de posse variou menos de 5 pontos percentuais. A parcela mais representativa foi a dos escravos que viveram em plantéis pequenos, constituídos por 2 a 5 cativos, 27,3%, ao passo que os cativos que conheceram a experiência de viverem em grandes plantéis representaram 22,5% da escravaria inventariada na localidade na década estudada.

De modo geral, a concentração social da posse cativa existiu em Santa Rita do Turvo na década de 1850/59, embora não em termos absurdos. Cruzados os informes para escravistas e escravos, evidenciados na tabela anterior, podemos afirmar que uma parcela de 20% dos escravistas, aqueles com posse igual ou superior a 11 cativos, possuíram pouco mais de 47% dos escravizados. Por outro lado, o grupo de pouco mais de 58% de escravistas, aqueles com posse igual ou inferior a 5 indivíduos, possuíram praticamente 28% dos cativos inventariados.

Dando continuidade ao estudo do padrão de posse cativa, apresentamos alguns índices estatísticos de posição que permitem aprofundar à análise. Voltamos a apresentar os dados tanto para o conjunto dos inventariados como também por faixas de riqueza. A tabela 4 apresenta os informes para o intervalo considerado.

Tabela 4: Indicadores estatísticos da posse cativa 1850/59

Faixas de riqueza	Média	Moda	Mediana	Gini
Até £ 150	1,75	2,0	2,0	0,107
£ 151 até £ 500	3,5	2,0	3,0	0,250
£ 501 até £ 1000	7,8	12,0	7,5	0,230
£ 1001 até £ 2000	8,5	-	8,0	0,284
Superior a £ 2001	16	23,0	18,5	0,264
Total	6,76	2,0	5,0	0,422

Fonte: 57 inventários *post-mortem* para o período 1850/59. AFAB.

Se a importância da participação relativa do grupo de ativo escravos no montante total da riqueza inventariada em Santa Rita do Turvo entre 1850/59 permite afirmar a robustez da escravidão na localidade, ao observarmos a média de posse cativa entre os escravistas inventariados no período este aspecto evidencia-se ainda mais. Por se tratar de uma região com predominância de uma economia circunscrita ao âmbito regional, desconectada de grandes circuitos mercantis, a posse média de 6,75 escravos, considerados apenas os inventários escravistas, é bastante relevante. Tal constatação se reafirma com a observação dos outros indicadores oferecidos na tabela 4. A posse mais recorrente não foi a unitária, dado que a moda foi 2,0. O valor da mediana, igual a 5,0, também é bastante relevante. Finalmente, o índice de Gini com valor 0,422 atesta o nível de concentração da propriedade escrava na localidade em tela.

Em suma, constatamos o relevante padrão da estrutura da posse cativa em Santa Rita do Turvo no alvorecer da segunda metade dos Oitocentos, quando considerada a estrutura econômica da localidade, voltada para produção de gêneros para mercantilização regional. Passemos então para o estudo de outro importante aspecto capaz de contribuir para a qualificação da escravidão vigente na localidade contemplada no período em análise. Referimo-nos a distribuição por gênero da população cativa inventariada, a razão de sexo. Apresentamos os dados desta variável na tabela 5.

Tabela 5: Razão de sexo dos escravos inventariados em Santa Rita do Turvo por faixas de riqueza (1850-59)

Faixas de riqueza	Razão de sexo
Até £ 150	40,0
£ 151 até £ 500	88,2
£ 501 até £ 1000	113,6
£ 1001 até £ 2000	121,7
Superior a £ 2001	152,6
Total	116,7

Fonte: 57 inventários *post-mortem* para o período 1850/59. AFAB.

A apreciação dos informes concernentes à distribuição por gênero da escravaria inventariada em Santa Rita do Turvo entre 1850/59 expõe uma pequena preponderância de homens em relação às mulheres, quando computados os dados gerais. Para cada 100 cativas existiram praticamente 116 escravos. Todavia, observados os índices por faixas de riqueza, nota-se uma tendência de elevação gradativa da razão de sexo. As duas

faixas de menor riqueza tiveram predominância de mulheres cativas. Somente a partir da terceira faixa de fortuna os escravos preponderaram. No geral, o desequilíbrio em favor dos homens cresceu em consonância com o aumento das faixas de riqueza. Provavelmente os inventariados agrupados nas faixas de menor patrimônio tiveram mais dificuldades em acessar a mão de obra cativa masculina, em geral mais valorizada no mercado de escravos. Esta tendência é bastante notada na historiografia e pode ser verificada em, por exemplo, Bergad, autor que trabalha com uma vasta amostra de dados (2004, p. 259-264). Em contrapartida, tiveram mais acesso ao trabalho escravo feminino, via de regra mais barato. Por outro lado, o perfil da distribuição por gênero das faixas de maior riqueza, com proprietários donos de maiores escravarias, se aproximava mais do modelo vigente em regiões de agricultura mais tipicamente de *plantation*, com maior desequilíbrio de gênero em favor dos homens.

A observação acima quanto aos valores dos cativos remete-nos para o último dos elementos aqui analisados na busca por uma satisfatória qualificação da escravidão em Santa Rita do Turvo entre 1850/59: os preços dos cativos. Após constatarmos um padrão de estrutura de posse relevante e uma modesta preponderância de homens na escravaria inventariada, acentuada nas faixas de riqueza superiores e inexistente entre os indivíduos com menores cabedais, os preços médios dos cativos é outra importante variável que contribui para a qualificação da escravidão na localidade em estudo. Manteremos a análise por faixas de riqueza. Segmentamos os cativos em três grandes grupos etários constituídos pelas crianças (0 a 15 anos), adultos (16 a 40 anos) e idosos (mais de 41 anos). Estabelecemos também a distinção pelo sexo dos escravizados. Na tabela 6 apresentamos os preços médios para homens e mulheres cativos de cada grupo etário e também no geral. As três últimas colunas da direita se referem ao preço médio do homem e da mulher em geral e ao preço global do escravo, média obtida sem separação de gênero.

A observação dos valores médios dos escravos inventariados entre 1850/59 em Santa Rita do Turvo permite que façamos algumas afirmações. Via de regra, a mão de obra cativa masculina se mostrou mais valorizada em todos os segmentos etários e também no geral, conforme expectativa prévia, ainda que existam exceções em alguns grupos etários de algumas faixas de riqueza. Esta observação parece bastante coerente como os resultados das análises do equilíbrio por gênero dos cativos, visto que, nas faixas inferiores de riqueza, a presença relativa de mulheres foi muito mais

representativa, superando a presença masculina em alguns casos. Em suma, os dados acerca da razão de sexo e dos preços levam a crer que os senhores menos aquinhoados tiveram mais acesso ao tipo de escravo mais barato, a cativa do sexo feminino. O homem adulto foi o tipo de cativo mais valorizado, seguido pela mulher adulta e pelo idoso do sexo masculino. Em contrapartida, a mulher idosa foi avaliada pelos menores valores.

Tabela 6: Preços médios dos escravos em libras por grupos etários e faixas de riqueza em Santa Rita do Turvo (1850/59)

Faixas de riqueza	0-15		16-40		>41		H	M	H + M
	H	M	H	M	H	M			
Até £ 150*	-	-	-	42,47	-	26,73	26,62	25,05	25,50
£ 151 até £ 500*	48,25	41,60	91,24	110,48	-	9,06	60,67	62,48	61,63
£ 501 até £ 1000	57,37	51,39	88,22	97,34	40,77	39,19	69,28	68,33	68,84
£ 1001 até £ 2000	83,20	90,61	130,88	112,56	60,03	65,13	96,27	99,47	97,72
Superior a £ 2001	127,59	114,07	180,75	139,69	63,17	46,44	133,73	103,46	121,75
Média Total	76,05	66,83	127,91	111,17	54,10	38,60	93,88	80,22	87,66

*Não foi possível aferir um valor médio em função da ausência de casos para alguns recortes dentro desta faixa de riqueza

Fonte: 57 inventários *post-mortem* para o período 1850/59. AFAB.

Contudo, o elemento que mais nos chamou a atenção foi a constatação da absoluta relação entre a elevação do preço médio dos escravos em consonância com a elevação da faixa de riqueza dos inventariados. Os cativos dos escravistas mais ricos foram sistematicamente mais bem avaliados que os cativos dos inventariados com menores montantes de bens, comparados dentro dos mesmos grupos etários e no geral. Na verdade, dito de outra maneira, podemos verificar uma tendência de aumento da avaliação dos cativos conforme a elevação da faixa de riqueza em praticamente todos os casos. Provavelmente isto ocorrera como reflexo de escravarias em melhores condições de trabalho, frutos da ação de escravistas que tinham melhores condições e recursos para manutenção e reposição dos seus plantéis, com menos escravos doentes e aleijados, por exemplo, que recebiam avaliações inferiores. Se estivermos corretos, os escravistas das faixas de maior riqueza puderam escolher os cativos que adquiriam e/ou contaram com melhores condições para mantê-los.

Em contrapartida, além de possuírem escravarias mais diminutas, os inventariados com menores cabedais aparentemente tinham suas posses constituídas por cativos, em tese, “menos produtivos”, quando comparados dentro das mesmas faixas etárias com os cativos dos escravistas das faixas de riqueza superiores. Isto certamente comprometia a força de trabalho destes pequenos senhores. Pelo menos em teoria, aqueles escravos que obtiveram avaliações mais altas seriam aqueles em melhores condições para o trabalho. Para o período como um todo, o preço do escravo ideal, homem adulto, alcançou o valor médio de £ 127,91, enquanto o preço global do escravo foi de £ 87,66. Ainda que pese o fato dos inventários não serem as melhores fontes possíveis para análise de preços, visto não serem resultantes de transações efetivamente concretizadas e sim de estimativas sobre as quais poderiam pesar diversos fatores, entendemos que oferecem indícios bastante válidos⁸.

De forma geral as tendências apontadas para o período 1850/59 em relação aos preços dos cativos inventariados podem ser sintetizadas em três pontos. Uma maior valorização do homem adulto, menores valores de avaliação para mulheres e, principalmente, relação de elevação entre faixa de riqueza e preço do cativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatarmos, por intermédio do estudo dos níveis de concentração da riqueza dos inventariados de Santa Rita do Turvo entre 1850/59, em sua maioria homens casados ou viúvos, que a maior parte dos patrimônios estava nas mãos de poucas pessoas. Pouco mais de 20% dos mais ricos inventariados concentravam pouco mais de 60% da riqueza inventariada, ao passo que pouco mais de 50% dos inventariados mais pobres detinham menos de 20% do montante total dos bens declarados.

Além dos níveis de concentração da riqueza na década em questão, verificamos a grande relevância dos investimentos em cativos no período. Evidenciou-se ainda a grande relevância das inversões em imóveis como estratégia de manutenção dos patrimônios entre os indivíduos considerados. O terceiro grupo de ativos em importância relativa foi às dívidas ativas, indicativo de um relativo vigor da economia

⁸ Para uma análise mais detalhada acerca do problema dos preços nos inventários *post-mortem* pode-se consultar artigo de nossa autoria (Costa, 2013).

local. Animais e bens móveis foram os dois grupos de ativos com menor participação na riqueza dos inventariados em questão.

A análise particularizada do grupo de ativo mais significativo evidenciou alguns importantes aspectos capazes de qualificar o tipo de escravidão vigente na localidade, destacando a importância que a mão de obra cativa assumiu para o funcionamento da economia edificada naquela sociedade.

Diante deste cenário, entendemos ultrapassar o estudo da temática da riqueza por si só, buscando traçar o perfil econômico e social de Santa Rita do Turvo do alvorecer da segunda metade do século XIX. Entendemos que uma das maneiras de alcançar este objetivo se constituiu no estudo do tipo de escravidão na localidade, qualificando-a. Esta abordagem permitiu-nos indicar a disseminação da posse cativa, visto que cada 8 entre 10 inventariados eram escravistas. A análise da estrutura da posse apontou a prevalência de pequenos plantéis, de 2 a 5 cativos, como o padrão para a localidade. Em relação aos cativos, houve uma relativa desconcentração entre as faixas de plantel estabelecidas, exceção feita para os escravos que vivenciaram a escravidão em plantéis unitários, pouco representativos. Em geral, a posse média foi considerável, tendo em vista as características da região, e o plantel mais recorrente não foi o unitário. Pudemos constatar também a concentração social da posse cativa, visto que 1/5 dos escravistas possuíam 57% dos cativos inventariados.

Embora verificada, a prevalência dos cativos homens em relação às mulheres não foi tão drástica. Nas faixas de menor riqueza, inclusive, as mulheres preponderaram. Ainda no tocante a distribuição por gênero, notamos uma tendência de elevação gradativa da prevalência dos cativos do sexo masculino em consonância com o aumento das faixas de riqueza. Constatação similar pudemos observar no tocante aos preços dos escravizados. Aqueles dos inventariados escravistas dos grupos de maior patrimônio foram sistematicamente avaliados com preços maiores, tanto em relação aos cativos de mesma faixa etária como no conjunto, em comparação com os cativos dos inventariados escravistas de menores cabedais. Desta forma, atestamos que a concentração da posse cativa na localidade também se deu de forma qualitativa e não somente quantitativa. Em resumo, foram estas as principais características evidenciadas pela análise da composição e da concentração da riqueza e do principal grupo de ativos constituinte da mesma entre os indivíduos inventariados em Santa Rita do Turvo na década inicial da segunda metade dos Oitocentos.

BIBLIOGRAFIA

ALMICO, Rita de Cássia da Silva. **Fortunas em movimento**: Um estudo sobre as transformações na Riqueza Pessoal em Juiz de Fora: 1870-1914. 2001. 165 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Economia (IE/Unicamp) Campinas, 2001.

ALVES, Romilda Oliveira. **Fronteira em expansão**: População, terra e família na Zona da Mata Mineira 1808-1850. 2009. 227 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, 2009.

BARBOSA, Waldemar de Almeida. **Dicionário histórico e geográfico de Minas Gerais**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1995.

BERGAD, Laird. **Escravidão e história econômica**. Demografia de Minas Gerais. 1720-1888. Bauru: Edusc, 2004.

COSTA, Fernando A. Alves da. E quanto valia afinal? O problema dos preços nos inventários post-mortem do século XIX. **Histórica**, São Paulo, ano 9, nº60, p.6-17, dez. 2013.

GUTIÉRREZ, Horacio. Demografia escrava numa economia não-exportadora. **Estudos Econômicos**, São Paulo 17 (2): 297-314, mai/ago. 1987.

LOPES. Luciana Suarez. **Sob os olhos de São Sebastião**. A cafeicultura e as mutações da riqueza em Ribeirão Preto, 1849-1900. 2005. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2005.

LIBBY, Douglas. **Transformação e trabalho e uma economia escravista**: Minas Gerais do século XIX. São Paulo: Brasiliense, 1988.

LUNA, Francisco Vidal. **Minas Gerais: escravos e senhores** – análise da estrutura populacional e econômica de alguns centros mineratórios (1718-1804). São Paulo: IPE/USP, 1981.

MACHADO, Alcântara. **Vida e morte do bandeirante**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

MARCONDES, Renato Leite. **A arte de acumular na economia cafeeira**: Vale do Paraíba, século XIX. Lorena: Editora Stiliano, 1998.

MOTTA, José Flávio. **Corpos escravos, vontades livres**: posse de cativos e família escrava em Bananal (1801-1829). São Paulo: Fapesp/Annablume, 1999.

MARTINEZ, Cláudia Marques. **Cinzas do Passado**. Riqueza e cultura material no vale do Paraopeba, 1840/1914. 2006. 314 f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

MELLO, Zélia Maria Cardoso de. **Metamorfoses da Riqueza**: São Paulo, 1845/1895. São Paulo: Hucitec, 1990.

MERCADANTE, Paulo. **Os sertões do leste**. Estudo de uma região: a Mata Mineira. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

PAIVA, Clotilde Andrade. **População e Economia nas Minas Gerais do século XIX**. 1996. 229 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

PANIAGO, Maria do Carmo Tafuri. **Viçosa – mudanças sócio culturais**: evolução histórica e tendências. Viçosa/MG: Imprensa Universitária, 1990.

REIS, Deborah Oliveira Martins dos. **Teres e deveres, o evolver da riqueza em Araxá**. A economia de uma localidade mineira com base em inventários post-mortem, 1776/1888. 2005. 249 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2005.

REZENDE, Irene Nogueira de. **Negócios e participação política**: Fazendeiros da Zona da Mata de Minas Gerais (1821-1841). 2008. 254 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

TAVARES, Aparecida de Fátima. **Entre o café e o açúcar**: Perfil econômico dos produtores de Visconde do Rio Branco (1870-1889). 2013. 138 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2013.

VALENTIN, Agnaldo. **Uma civilização do arroz**. Agricultura, comércio e subsistência no Vale do Ribeira (1800-1880). 2006. 400 f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo. 2006.